

A DISCIPLINA DE LIBRAS E A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO: UM ESTUDO DE CASO

Brazilian Sign Language (Libras) as a course subject and the
production of teaching material: a case study

Bruna Fagundes Antunes Alberton⁹
Emiliana Faria Rosa¹⁰

RESUMO

Neste artigo pretende-se demonstrar como ocorreu o processo de criação, e o uso, do material didático utilizado nas aulas de Língua Brasileira de Sinais, Libras, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Compreendendo a importância de um melhor aprendizado por parte dos alunos, foi desenvolvido o material didático em vídeo, com diálogos e sinalário. Deseja-se que o

ABSTRACT

This article aims to show the creation process and the use of teaching materials in Brazilian Sign Language (Libras) classes at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). Based on an understanding of the importance of better learning experiences for students, courseware videos with dialogues and a signed dictionary (sinalário) were developed. It is hoped that this material, produced

⁹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil; brunafantunes@gmail.com.

¹⁰ Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil; emilianarosa@gmail.com.

material produzido pelos professores seja plenamente utilizado no ensino e aprendizado da língua de sinais; tornando os alunos capazes de compreender não somente o sinalizar, mas também compreender a Libras enquanto língua de uma comunidade com valores sociais, culturais e linguísticos próprios.

by teachers, will be fully used in the teaching and learning of sign language, thereby helping students not only to understand signs, but also to appreciate Libras as the language of a community with its own social, cultural and linguistic values.

PALAVRAS-CHAVE

Libras; material didático; Ensino Superior.

KEYWORDS

Libras (Brazilian Sign Language), teaching material, higher education

1. Introdução

Neste artigo contaremos a experiência do projeto de extensão “Produção de materiais didáticos em Libras”. Criado pelos professores em 2015, o projeto tem por objetivo o desenvolvimento de material didático a ser utilizado na disciplina de Língua Brasileira de Sinais (Libras) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Pensando na inserção desta disciplina, atenta-se ao fato de que a Libras possui reconhecimento através da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Esta lei, ao reconhecer a língua de sinais, favorece a área da educação de surdos e dá aos sujeitos sinalizantes que, participam da comunidade surda, a liberdade de trocarem experiências visuais e expressarem suas ideias.

Como sabemos, a disciplina de Libras foi incluída nos currículos das instituições de ensino superior para cumprir o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, como se comprova em:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial

são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto. (BRASIL, 2005).

Observa-se então que, a partir deste decreto, a língua de sinais passou a integrar “oficialmente” o corpo linguístico¹¹ do Ensino Superior tanto como língua de uso comunicativo quanto de disciplina curricular.

Ter a disciplina de Libras nas universidades brasileiras é uma conquista importante para a comunidade surda. É um marco da luta pela valorização da língua de sinais. Luta que corresponde a um passo no meio de todo caminho percorrido e a ser percorrido no cotidiano enfrentado e vivido pelo surdo, devemos lembrar que este pode ter papel tanto do professor quanto do aluno na universidade.

Ter a língua de sinais no currículo da universidade não gera uma mudança social somente por essa presença. Somente se os alunos entenderem e aceitarem a língua de sinais é que teremos uma modificação social. É o caso de alunos que já trabalham como professores e que já tiveram a experiência em sala de aula com um aluno surdo. (ROSA, 2010)

Sobre a Língua Brasileira de Sinais é importante considerá-la como o traço fundamental para a representação e construção da comunidade surda. Segundo Rosa (2009), a língua de sinais é o mais visível e influente traço identitário na construção de uma identidade surda. A Libras é, desta forma, a língua natural da comunidade surda brasileira, uma língua visuoespacial.

Segundo Rosa (2013, p. 61), a língua de sinais possui modalidade visuoespacial por ser articulada no espaço e apreendida visualmente, ou seja, a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos; assim, tem-se que “as línguas de sinais são consideradas línguas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e distingue dos demais sistemas de comunicação [...]” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.30). E ainda:

Os seres humanos podem utilizar uma língua de acordo com a modalidade de percepção e produção desta: modalidade oral-auditiva (português, francês, inglês, etc.) ou modalidade visuo-

¹¹ Definimos aqui o corpo linguístico como a presença de línguas em um ambiente, no caso deste artigo, o meio acadêmico. Podemos observar e comprovar a presença da língua portuguesa, por ser língua oficial do país, e outras línguas orais, como o inglês, o espanhol, etc. E, atualmente, tem-se a presença de Libras.

espacial (língua de sinais brasileira, língua de sinais americana, língua de sinais francesa, etc.). (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 24)

Refletir a importância da disciplina de língua de sinais é entender a importância desta língua natural dos sujeitos surdos como meio de compartilhar conhecimentos dentro e fora do ambiente educacional. Pensar na disciplina e em um material didático compatível é pensar na língua de sinais não como meio, como ferramenta, mas como integrante da vivência diária em sala de aula. Esta experiência será levada pelo discente em seu futuro profissional.

É fato que há uma procura por materiais que desenvolvam um rápido e permanente aprendizado, portanto, após compreender a essencialidade da disciplina e da língua de sinais, caminhamos para uma urgência em um material didático para o ensino de Libras na universidade que auxilie o discente no aprendizado da língua tanto na prática quanto na teoria. A urgência acima descrita refere-se ao pouco material específico a ser usado em sala de aula e para que os alunos compreendam a visualidade da Libras.

Antes de explicar como ocorreu o desenvolvimento do projeto citado nesta introdução, é necessário compreender sobre o papel do material didático no aprendizado de uma segunda língua, conforme veremos abaixo.

2. Material didático no contexto de ensino de Libras como L2

O ensino da Libras como segunda língua (L2) para alunos no Ensino Superior, deve trabalhar, primeiramente, a língua de sinais em seus aspectos básicos, usando estratégias de imagens e sinais de acordo com os conteúdos programáticos da universidade, de forma que amplie o interesse dos alunos.

Compreender e praticar os sinais, construir frases, diálogos, narrativas e desenvolver esses conhecimentos em contextos que atendam à comunicação, são objetivos que devem estar presentes no planejamento da disciplina para que os alunos entendam as representações da Libras enquanto língua da comunidade surda.

As aulas com foco no ensino da Libras enquanto L2 possuem planejamento com aulas expositivas, dialogadas e materiais didáticos como slides, apostila, livros, jornais/revistas, filmes e leituras de textos indicados, ou seja, propor atividades variadas que despertem e estimulem os saberes.

Em se tratando desses saberes, de acordo com Felipe (2001), aponta-se que estudos, pesquisas e análises sobre o ensino da Libras para alunos levam a entender que o aluno ouvinte precisa esquecer as regras das línguas orais, como a língua portuguesa, e ter foco na recepção visual como forma de aprendizagem. Isso porque a língua portuguesa possui estrutura e gramática diferentes da Libras.

A pedagogia do ver, entender e contar histórias é um exercício que muito contribui para o aprendizado das línguas de sinais; contribui para que o ouvinte perceba a comunicação a partir de situações cotidianas que remetam à realidade da comunidade surda. Assim, a pedagogia apresenta uma organização diferente para cada modalidade de ensino:

Em certo sentido, “pedagogia” significa precisamente “diferença”: educar significa introduzir a cunha da diferença em um mundo que sem ela se limitaria a reproduzir o mesmo e o idêntico, um mundo parado, um mundo morto. É nessa possibilidade de abertura para um outro mundo que podemos pensar na pedagogia como diferença. (SILVA, 2000, p.101).

Sendo assim, o planejamento do ensino de Libras deve passar pelo entendimento de que os olhos captam o mundo e as mãos interagem com ele, conforme o estudo sobre orientação metodológica de Felipe (2001).

A metodologia de ensino da Libras, como segunda língua, deve estar centrada em recursos visuais. Em uma proposta bilíngue de aprendizagem, a metodologia precisa oportunizar o aprendizado nas duas línguas, para que o aluno possa desenvolver conceitos e suas relações com o mundo.

3. Idealizando e produzindo o material

Tradicionalmente, quando nos referimos ao ensino, associamos à sala de aula, livros, cadernos, lousa, etc. Os alunos, acostumados com uma abordagem tradicional, indagam sobre livros e materiais que possam usar para desenvolver o aprendizado. No processo de ensino, em uma abordagem tradicional, o professor passa o conteúdo e o aluno escuta, lê os textos indicados da aula e faz atividade escrita.

O aluno, por muitas vezes, ao entrar na sala de aula de Libras, atenta ao fato da aula ser visual, presencial e participativa. Na aula de Libras, o aluno

pode desenvolver a percepção visual, percebendo o sinal e, conseqüentemente, os parâmetros da Libras¹².

Toma-se por base então que, a metodologia em 2D¹³, palpável, não é suficiente ao aprendizado de língua de sinais. Chamamos de material em 2D o uso de materiais em papel como textos, desenhos, imagens; materiais que não possuem movimentos, diferenciando-se do material em 3D que possuem movimentos através de vídeos. Vídeos, sendo material em 3D, com cores, movimentos, expressões faciais e corporais, ampliam o aprendizado do aluno.

Desde o ano de 2015, os professores da referida universidade vêm elaborando diálogos, sinalário¹⁴, atividades e material lúdico específicos ao ensino na disciplina de Libras na graduação, com o objetivo de facilitar o aprendizado da língua de sinais.

Em 2016, houve uma complementação tanto do sinalário quanto dos diálogos já filmados em 2015, gerando um maior banco de dados para uso coletivo dos professores. É importante lembrar que é impossível filmar todos os sinais da Libras – até porque não temos o objetivo de produzir um dicionário; assim, a cada ano, há uma nova produção, complementando a inicial de acordo com as necessidades observadas em sala de aula.

Como o projeto é extenso, cada professor assume responsabilidade por uma parte do material. Há uma reunião inicial de explicações e divisões das tarefas. Estas tarefas podem ser a escrita dos roteiros de diálogos, filmagens, edição e legendagem. Com tudo concluído, ocorre uma última reunião para avaliação final do material produzido.

Para a confecção do material, os professores se encontraram para decidir qual o sinalário será filmado. Desta forma, separamos os sinais ligados aos conteúdos lecionados. Estes sinais foram filmados dentro de categorias específicas. Posteriormente, os diálogos também foram filmados com os sinais categorizados no sinalário. Como exemplo destas categorias cita-se: alfabeto manual, verbos, adjetivos, numerais, pronomes, família, cores, localização, alimentos, entre outros. As categorias aqui citadas são estudadas pelo grupo de

¹² Os parâmetros fonológicos da Libras referidos se dividem em: configuração de mão, movimento, locação, orientação de mão e expressão não-manuais. Quanto aos traços fonológicos, se caracterizam por representarem uma unidade mínima na constituição de uma palavra. (ROSA, 2013, p. 65)

¹³ Criaremos aqui a expressão metodologia em 2D e 3D como forma de diferenciar as possibilidades pedagógicas utilizadas no ensino de Libras.

¹⁴ O sinalário é um grupo de sinais que constitui o vocabulário de sinais e foi inicialmente descrito na pesquisa de Stumpf que sinalário é o “conjunto de expressões que compõe o léxico de uma determinada língua de sinais” (2005, p. 36).

professores, após a seleção dos sinais. As filmagens são feitas pelos professores no ambiente da universidade.

Ao selecionar sinais para filmagem, é preciso lembrar que são gerais e os mais usados e não específicos a cada curso. Observamos a existência de diversos alunos e de diversos cursos na mesma sala de aula, dificultando a especificação de sinais. Essa generalidade caracteriza a disciplina de Libras, visto a diversidade dos alunos e cursos em cada semestre.

Como compreensão de sinalário, há, por vezes, o registro de sinais com dois ou mais significados (como exemplo abaixo do sinal “FORTE”). Dessa forma, o aluno compreenderá enunciados em diferentes contextos. Como consta abaixo:



Figura 1- Imagens retiradas do DVD “Libras: Diálogos e Sinalário, parte 2”.

O material foi produzido através de filmagens em vídeo. Cada categoria de sinalário e os diálogos, foram editados de forma que tivéssemos duas alternativas: uma o vídeo editado com legenda e outra o vídeo editado sem legenda. Desta forma, cada professor pode utilizá-los dependendo de suas estratégias de ensino ou ainda em atividades com notas e provas. Abaixo apresentamos exemplo de diálogo (sem e com legenda) e de sinalário (sem e com legenda), respectivamente:

Diálogo sem legenda

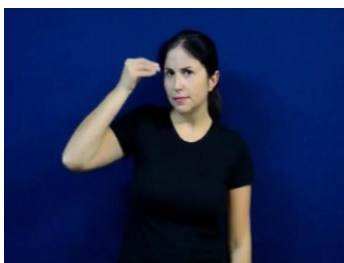


Diálogo com legenda



Figura 2 - Imagens retiradas do DVD:Libras: Diálogos e Sinalário.

Sinalário sem legenda



Sinalário com legenda

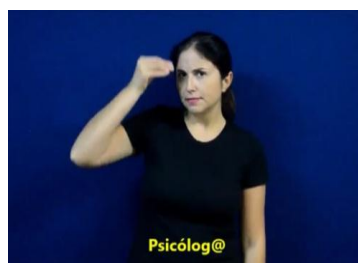


Figura 3 - Imagens retiradas do DVD: Libras: Diálogos e Sinalário, parte 2.

Após filmagens, edição de vídeo, legendagem e confecção do DVD, este é disponibilizado via Google Drive e compartilhado por todos os professores de Libras da universidade, visando facilitar o acesso e a importação dos vídeos para a Plataforma Moodle¹⁵. Além de armazenar na nuvem, o DVD é registrado, com ISBN, pelos professores.

Além do material em vídeo outro tipo de recurso faz parte do material didático: são as atividades visuais. Estas atividades são proporcionadas através de atividades variadas que podem ser adaptadas para trabalhar inúmeros conteúdos de língua de sinais. Para a confecção deste material, por exemplo, recortamos a imagem de cada configuração de mão (como pode ser visto nas figuras abaixo) e desenhamos as imagens associadas, criando assim jogos variados.

¹⁵ Ambiente de aprendizado virtual, acessível pela internet.



Figuras 4 e 5, respectivamente - PIMENTA, Nelson. *Carta da configuração de mãos*. Rio de Janeiro: LSB, 2001.

As atividades variadas e jogos auxiliam os alunos a desenvolverem seus conhecimentos e revisarem conteúdos trabalhados, facilitando a aquisição da Libras e o aprendizado contínuo desta língua.

Sendo assim, observamos que o material didático auxilia no processo de ensino-aprendizagem. Com a conclusão do material didático e difusão do uso via Moodle e em sala de aula, começamos a avaliar o aproveitamento deste material.

4. Aproveitamento do material didático

Lecionar a disciplina de Libras é querer, e precisar, trabalhar a língua de forma que os alunos possam compreender o *status* linguístico da Libras e consigam se expressar em sinais. Sabemos que a disciplina Libras possui uma carga horária com apenas uma aula por semana, tendo assim pouca prática, já que muitos alunos só praticam o que aprendeu em sala de aula.

Nesse contexto, observamos algumas dificuldades dos alunos, tais como o contato com a Libras como segunda língua, a presença na disciplina por ser obrigatória ao curso, e ainda existem alunos que somente tentam “memorizar” os sinais sem ter a preocupação de compreender as estruturas da língua, associando os sinais somente à configuração de mão e localização.

No plano de ensino da disciplina, planejamos atividades visuais como diálogos, teatro, livros específicos para literatura surda e uso de recursos visu-

ais (filmes, slides, livros e materiais concretos); além do material em vídeo produzido pelos professores.

Necessita-se lembrar que cada professor tem autonomia na criação de estratégias para uso de todos os materiais citados aqui. O professor pode escolher vídeos tanto para mostrar em sala de aula quanto para postá-los no Moodle, para que os alunos tenham acesso contínuo ao que foi lecionado em sala.

Ao produzir os vídeos de sinalário e diálogos, propomos registrar conteúdos trabalhados nas aulas de Libras com o objetivo deste se tornar um material de apoio. Em casa ou em outro ambiente, os alunos podem estudar e revisar sinais, conteúdos e diálogos após as aulas na universidade. Essa disponibilidade auxilia o aluno, uma vez que pode ocorrer dele esquecer sinais aprendidos em aula ou ainda querer relembrar e praticar o que aprendeu. Assim como Santos (2015) explica:

É possível perceber que os alunos enfrentam grandes dificuldades em aprender uma língua com a qual têm contato apenas uma ou duas vezes por semana, como a disciplina de Libras. A língua de sinais é uma segunda língua ou uma língua estrangeira para os alunos ouvintes, que têm como primeira língua o português; o contato com a língua de sinais acontece apenas nas aulas, sendo pouco frequentes as interações linguísticas com pessoas surdas ou fluentes em Libras no ambiente extra-acadêmico, de convivência da comunidade surda local, por exemplo. (SANTOS, 2015, p. 2)

Essa é uma das dificuldades encontradas: alunos compreenderem diálogo entre pessoas sinalizantes e fluentes na Libras. Será que os alunos compreenderiam, por exemplo, dois surdos conversando na rua? É importante que os alunos possam praticar a “compreensão da Libras”, ou seja, praticar diálogos com elementos do cotidiano para que consigam interagir com o surdo fora da sala de aula. Há relatos de alunos que ao verem surdos na rua ou no trabalho tentam se comunicar – e alguns conseguem com êxito –, outros ficam observando de longe, na tentativa de entender o que é sinalizado.

Afirmando que a prática é essencial à compreensão e aprendizado da língua de sinais, constata-se que o professor tem por objetivo utilizar os vídeos para este aprimoramento linguístico. Pergunta-se: será que esse mesmo objetivo é conquistado pelos alunos fora da sala, seja em casa ou em outro momento? Esta funcionalidade do recurso em vídeo, do material didático em Libras, é usada pelos alunos? Observamos que, assim como em qualquer disciplina em que os professores oferecem textos e o aluno não lê, nem todos os alunos visualizam os vídeos disponibilizados.

Como em todo recurso observamos vantagens e desvantagens. Podemos citar como desvantagem do material: O aluno pode ficar acomodado, já que sabe que o professor colocará os vídeos no Moodle, ele pode faltar à aula “sem preocupação”; pouco interesse no material, alguns alunos não acreditam que os vídeos sejam importantes; há alunos que não possuem interesse de usar o Moodle; há alunos que acusam falta de tempo para acessar o material disponibilizado; há alunos que preferem usar aplicativos de Libras, descartando os vídeos no Moodle. Necessário atentar ao fato que estes últimos pontos citados aqui não é uma desvantagem por parte do material, mas sim por falta de interesse do aluno.

Sobre as vantagens: o material em vídeo, favorece a visualidade da língua de sinais; material acessível e de fácil compreensão por parte dos alunos; vídeos legendados, auxiliando no aprendizado; sinalário dividido em categorias; recurso facilitador do aprendizado, uma vez que o aluno pode reconhecer os parâmetros de cada sinal e a interação nos diálogos; os alunos podem rever os diálogos e sinalário quando e quantas vezes quiser.

Autoras como Lebedeff e Santos (2014) afirmam, assim como comprovamos no uso cotidiano do material, que “os vídeos são de fácil entendimento e acesso e, possibilitam que a Língua apareça em seu uso comunicativo, pois as histórias simulam situações reais de comunicação” (2014, p. 1083). Isso é bem observado nos vídeos de diálogos disponibilizados; tais vídeos simulam situações cotidianas profissionais, sociais e educacionais.

Notamos que o material em vídeo possui inúmeras vantagens, sendo um complemento fundamental para as aulas. Estas para proporcionar uma melhor aquisição de conhecimento e, sim, um maior interesse do aluno, deve possuir estratégias que instiguem o aluno a prosseguir seu aprendizado praticando a língua de sinais sempre que possível.

5. Conclusão

É preciso observar que apesar de ser somente um semestre da disciplina de Libras, há aproveitamento por cada aluno. O ensino de Libras básico favorece a, posteriormente, aprofundar em conhecimentos específicos. Muitos alunos ao terminarem a disciplina de Libras 1 manifestam vontade de prosseguir aprendendo Libras, seja se matriculando na disciplina de Libras 2, seja se inscrevendo em cursos de Libras fora da universidade, outros procuram pela

monitoria de Libras, ou seja, formas de continuar um contato contínuo com esta língua.

O ensino de língua de sinais com o uso de um material didático que beneficie a língua de sinais é essencial, possibilitando ao aluno perceber o sinalário através dos sinais, e todos os seus respectivos parâmetros e das situações demonstradas nos diálogos presentes nos vídeos disponibilizados. Além de beneficiar esse aprendizado, ampliar a compreensão da língua de sinais, através de uma prática contínua, é de extrema importância.

É obstande lembrar que a produção de material didático como ferramenta de ensino corresponde a um apoio e não substituição. O material é usado como complemento às aulas, execução de atividades e consultas posteriores (principalmente o sinalário).

Apesar das inúmeras possibilidades que o material didático oferece não se pode deixar de lado a importância das aulas presenciais. Libras, enquanto língua visuoespacial, precisa de uma relação ensino-aprendizado real. O virtual, o material didático disponível via Plataforma Moodle, é de extrema importância, mas nunca substituirá a vivência em sala de aula.

Deseja-se que o material produzido seja plenamente utilizado no ensino e aprendizado da língua de sinais; tornando os alunos capazes de compreender não somente o sinalizar, mas como também compreender a Libras enquanto língua de uma comunidade com valores sociais, culturais e linguísticos próprios.

Desta forma, o aluno terá consciência do que a língua de sinais representa ao surdo; consciência de que a língua de não é só sinais soltos, mas sim elemento catalizador de identidades, poder, cultura, comunidade e educação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002*, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em 25 jun. 2016.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em 25 jun. 2016.

FELIPE, Tanya Amara. *LIBRAS em contexto: Curso Básico*. Manual do professor/instrutor. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

LEBEDEFF, Tatiana Bolívar; SANTOS, Ângela Nediane dos. Objetos de aprendizagem para o ensino de línguas: vídeos de curta-metragem e o ensino de Libras. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 14, p. 1073-1094, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v14n4/aop5814.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

QUADROS, Ronice & KARNOPP, Lodenir B. *Língua de sinais brasileira. Estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROSA, Emiliana Faria; PONTIN, Bianca Ribeiro; GIORDANI, Liliâne Ferrari; MOURÃO, Cláudio H. Nunes; CALDAS, Ana Luiza P. *Libras: diálogos e sinalário*. Porto Alegre: UFRGS, 2015. (Material didático (ISBN do DVD: 978-85-66106-74-9)).

ROSA, Emiliana Faria; PONTIN, Bianca Ribeiro; GIORDANI, Liliâne Ferrari; ALBERTON, Bruna F. Antunes; SILVA, Erika V. Lima; Goetttert, Nelson; VAZ, Cristiano P; HESSEL, Carolina S. CALDAS, Ana Luiza P. Juliana *Libras: diálogos e sinalário*. Porto Alegre: UFRGS, 2016. No prelo.

ROSA, Emiliana Faria. *A identidade do Surdo, pesquisado na pós-graduação em linguística*. Tese de doutorado. Florianópolis: Universidade de Federal de Santa Catarina. Centro de comunicação e expressão, 2013. 170p

ROSA, Emiliana Faria. "Professor surdo e meio acadêmico: a vida presente no tempo presente". In: *Anais do VI congresso internacional de educação*. São Leopoldo: UNISINOS, 2009.

SANTOS, Ângela Nediane dos. Libras na UFPEL: Experiência da produção de material didático para o ensino da Libras como L2 a partir da abordagem comunicativa. In: Isabel Maria Sabino de Farias; Maria Socorro Lucena Lima; Maria Marina Dias Cavalcante; José Albio Moreira de Sales. (Org.). *Didática e a prática de ensino na relação com a formação de professores*. 1. ed. Fortaleza - CE: EdUECE, 2015, v. p. 04150-04161. Disponível em: <<http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro2/LIBRAS%20NA%20UFPEL%20EXPERIÊNCIA%20DA%20PRODUÇÃO%20DE%20MATERIAL%20DIDÁTICO%20PARA%20O%20ENSINO%20DA%20LIBRAS%20COMO%20L2%20A%20PARTIR%20DA%20ABORDAGEM%20COMUNICATIVA.pdf>>. Acesso em 26 jun. 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org. e Trad.). *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004, p. 73-102.

STUMPF, Marianne. *Aprendizagem de Escrita de Língua de sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de sinais no papel e no computador*. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Rio Grande do Sul (2005). Disponível em: <http://ged1.capes.gov.br/CapesProcessos/919079-ARQ/919079_5.PDF>. Acesso em: 25 jun. 2016.